

10114

B. N. L.
10114

O PRAZER
DOS
LUSITANOS
NA REGENERAÇÃO DA SUA PATRIA.

Parto o publico bem tambem estudo
E canto boas Poetas, de
P O R

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

Revista Cart. II. do Central B.P.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1820.

Com Licença da Comissão de Censura.

Vende-se em Lisboa nas lojas do costume; em Belém na
da Viuva de José Tiburcio, e no Porto. Preço 80 réis.

O PRINCEPE
dos
LUSITANOS
NA REGENERAÇÃO DA SUA PATRIA.

Para o público bem também estudão,
E cantão bons Poetas, deleitando
Ensinão, e os máos effeitos em bons mudão.

Ferreira Cart. II. ao Cardeal Inf.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

1770

Com Licença do Conselho de Camara.

Enche-se em Lisboa nas lojas de costumes; em Lisboa no
de Viana de José Thomeo, e no Porto, Largo do Reis.

 O P R A Z E R

D O S

L U Z I T A N O S

 NA REGENERAÇÃO DA SUA PATRIA.

Divina, e Incomparavel Providencia,
 Que inexcrutaveis são segredos Vossos!
 Que fazem mais sublime a Vossa Essencia;
 Dos males tirais bens, salvando p'rigos,
 Raios dos bens formais para os castigos.

Santas Promessas a este Reino feitas
 Na milagrosa Apparição de Ourique,
 Nós as vêmos cumpridas, satisfeitas;
 Pois quando nos julgâmos já perdidos,
 Sômos por vós, Senhor, mais defendidos.

Todo este Povo Luso em Vós confia,
 Respeita a Vossa Lei, e as Leis do Throno,
 Ama o seu Rei, e sua Dinastia;
 E sempre conservou com igualdade
 Soffrimento, valor, fé, lealdade.

Portugal não tem Povo inconsequente;
 Reciproco se estima, e congratula,
 Armado da razão pugna valente,
 E a Patria a defender tão prompto acode,
 Que nenhum que he primeiro dizer póde.

Esta foi a Nação, que sábia, e forte,
Por mares nunca d'antes navegados,
 Fama buscava, sem temêr a morte:
 Indo por alongar a Monarquia
A vêr os bérços, onde nasce o dia.

Nossos Antepassados nos deixárão
 Lições, e exemplos d'alta heroicidade;
 Inda temos Heroes que os imitárão,
 Nas Armas, e nas Letras instruidos,
 A voz da Fama os faz bem conhecidos.

Lancemos vistas sobre os nossos dias ,
 Em que as Furias do Averno abraziadas ,
 E sedentas , e palidas Arpias ,
 Surgirão invadindo a Luza terra ,
 Pondo por toda a parte o Mundo em guerra.

Eu fallo d'esses Monstros derramados ,
 Que forão vís Satellites do Côrso ,
 E Deoses de triunfos mal logrados ;
 Que a desgraça os levou á sepultura
 Envoltos na ambição , e na impostura.

Que impávidos Mancebos Lusitanos
 Não forão logo libertar a Patria ,
 Juntos a mil Guerreiros veteranos !
 Contra gente sem fé , razão , nem Lei ,
 Por segurar o Throno do seu Rei !

Enfermos de huma guerra assoladora ,
 De que estavamos mal convalescidos ,
 Hiamos recahindo de hora a hora ;
 Que a indigencia que em todos se espalhava ,
 De melhora esperança nos não dava.

Parece que a Pobreza com a Morte
 Particular ajuste havião feito
 De dar sobre os viventes mortal córte;
 Erão sem conto os pobres desgraçados
 Pelas mãos da Penuria victimados.

Talvez Deos estes damnos permittisse,
 Chegando esta ruina a tal extremo,
 Só porque o seu Poder melhor se visse;
 Para depois mostrar á oppressa gente
 A força do seu Braço Omnipotente!

Qual Naufragante em hórrida tormenta,
 Que vê escuro o Ceo, e o mar bramindo,
 A Náo sem leme, que o pavôr lhe augmenta,
 Até que, á descripção, encontra hum porto,
 Onde a vida salvando acha conforto.

Tal era o triste, lastimoso estado
 De Portugal convulso, e esmorecido,
 Em hum mar de infortunios abismado;
 Tal dos famosos Lusos era a sorte,
 Quasi a cahir nas mãos da horrenda Morte.

Então lá no Horizonte Portuense
 Assômma a Aurora de hum brilhante dia,
 Vem nos braços da Paz, sem que se pense;
 E tempo os habitantes não perdendo,
 Acodem ao naufragio que estão vendo.

Clama Ulissêa, e igual soccorro pede;
 Soccorro se lhe dá, sem susto he salva;
 A' voz de hum Deos a tempestade cede;
 E as consternadas vozes, que aterravão,
 Em Hymnos de alegria se tornavão.

A Paz filha do Ceo Luzos domina,
 Estes a Sociedade não invertem,
 O bom character firme os determina;
 Sabem derramar sangue d'inimigos,
 Mas não brigão amigos com amigos.
 Não he facil que tal condição mude,
 A ternura nos Lusos tem morada,
 Já lhes vem por herança esta virtude;
 E conservão, por timbre, em seu abôno
 Amar os seus, a Patria, a Lei, e o Throno.

Que, diríamos nós, se n'hum momento
 Vissemos na Cidade os homens todos
 Acordar com hum mesmo pensamento!
 Ah! que hum successo tal não era crível,
 Pois não entra na ordem do possível!

Mas, felizmente todos se encontrarão
 No dia quinze, de memoria eterna, *
 Que o mesmo que hum pensou, todos pensarão;
 Todos de gosto em vivas inflammados,
 Ambos os sexos, todos os estados.

Apresentou-se em público terreno
 A Tropa armada, á Providencia entregue,
 Para os successos do primeiro acêno;
 Tornou-se tudo em vivas de alegria,
 Em scenas de prazer; quem tal diria!

Era o Povo em cardumes pelas Praças,
 Eternizando do seu Rei o Nome,
 Ao Ceo de tal prodigio dando graças;
 Pedindo-lhe que alli lhe deparasse
 Quem da miseria o Reino resgatasse.

* Foi no dia 15 de Setembro de 1820, que pelas quatro horas da tarde principiárão os vivas.

O Nome do seu Rei pronunciavão,
 Mostrando em altas vozes a ternura
 De filhos, que a seu Pai vêr desejavão!
 Este amor a ninguem fez estranheza,
 Por ser hum dom devido á natureza.

Os tres Condes, bem dignos de memoria,
 Imitando as acções de heróes antigos,
 Sem soberba, ou desar, e sem vangloria,
 Cedendo ás vozes deste Povo terno,
 Tiverão de lançar mão do Governo.

Eis o incansavel Inclito Rezende
 Vendo que se respeita o seu Sob'rano,
 Em tudo quanto o Povo alli pertende,
 Providencêa, manda, pacifica,
 De sorte que ninguem se sacrifica.

O discreto Sampaio se procura,
 Penafiel se ajunta á mesma causa;
 O Decâno immortal, de intenção pura,
 O sabio Azedo; e os mais que a alta esperanza
 Os acclama de Lysia segurança.

Ao zeloso, e leal Juiz do Povo,
 E ao sisudo Escrivão, que he do seu cargo,
 Parabens, e louvor lhes dou de novo;
 Pois merecendo alli geral conceito,
 Deixarão todo o Povo satisfeito.

„ Viva Dom João Sexto Nosso Augusto,
 „ E d'este bom Sob'rano a Prole Regia;
 „ Viva a Religião a todo o custo;
 „ Viva o novo Governo, que nos guia:
 Esta era a voz geral, que então se ouvia.

Este prazer segura huma bonança,
 Que ás tormentas passadas se nos segue,
 A todos alimenta esta esperança:
 Justiça, economia, e consciencia,
 Podem fazer feliz nossa existencia.

O tempo, que he de tudo o desengano,
 He quem nos mostra a face da verdade;
 Vigora-se hum arbusto de anno em anno,
 Agudas vistas, prevenções seguras,
 Podem tornar ruinas em venturas.

Mas por mais que hum Governo recto, e justo
 Se desvele em cumprir as Leis que jura,
 Empreza em tempos taes de tanto custo;
 Confusão será tudo, e desprazeres,
 Se o Povo não entrar nos seus deveres.

Mostrar comportamento escandaloso,
 As virtudes moraes abandonando,
 E querer, sendo assim, ser venturoso,
 He querer o innocente castigado,
 E vêr o criminoso premiado.

De nós depende haver doce harmonia,
 Que em boa paz sustente a sociedade,
 Assim como do Sol depende o dia:
 A união, o respeito, o horror ao vicio,
 São a base formal deste Edificio.

De Pais, e Avós virtudes recordadas,
 Não honrão nada aos filhos, que as proscrevem,
 As proprias são sómente apreciadas;
 Virtudes mortas inda se respeitão,
 Virtudes vivas são as que aproveitão.

Hum homem da Razão illuminado,
 De bons costumes cristalino espelho,
 Nas acções por estudo moderado,
 Este homem grande seja em quem se estude,
 Porque a maior grandeza he a virtude.

Mas oh mil vezes Reino abençoado,
 Que tens Heróes com tanto Patriotismo!
 Serás dos Reinos todos invejado:
 A gloria dos teus filhos não se afasta,
 Os Lusos são teus filhos, e isto basta.

Dos Lusos corações ninguem duvida,
 Que sabem conservar ordem perfeita,
 Dando pelo seu Rei a propria vida:
 As Lusas Tropas são em mar, e terra
 Mansas pombas na paz, leões na guerra.

Na Lusa Historia a Fama as eternisa,
 Soldado Portuguez he firme róxa,
 Nos lances arriscados se abalisa,
 Não usa de apparencias, nem se assusta,
 Com a espada decide a causa justa.

Mas na presente causa o mundo veja
 Mais hum novo prodigio consumado,
 Que ás estranhas Nações fará inveja:
 Vencer a ferro, e fogo não se estranha,
 Mas vencer abraçando, he mais façanha!

Talvez no Mundo inteiro se não contem
 Muitas Victorias desta natureza,
 Será defficultoso que se apontem!
 Só devem blasonar d'ellas ufanos,
 Os sempre invictos, nobres Lusitanos.

Deos ha de abençoar tão forte empreza
 Com os bens, que depois seguir se devem,
 Que desfiação as nuvens da tristeza;
 Pois que o bom Cidadão, de orar cansado,
 Até da subsistencia era privado.

A's honestas familias, que vivião
 Das Tenças que serviços compensavão,
 Annos, e muitos annos se devião;
 Sem poderem achar em tal empate,
 Nem ao menos a usura do rebate.

Consternadas viúvas recolhidas,
 Com tres, e quatro filhas sem recurso,
 Sacrificando á fome as tristes vidas,
 De semana em semana requerendo,
 Entre esperanças vãs se hião perdendo.

Confessemos tambem, que por vontade
 Ninguém penar fazia os desditosos;
 Mas já custava a ter conformidade!
 Sabiamos que o Estado nada tinha,
 Mas quem sabia o mal d'onde provinha!

Recta Constituição virá pôr termo
 A's nossas privações, nossa indigencia,
 Com que fizeram *Portugal Enfermo*:
 Portuguezes, Deos he da nossa parte,
 Mereçamos os bens que Elle reparte.

Fé no Governo, Religião segura,
 Respeito, e amor ao nosso bom Monarca,
 Faz mudar as desgraças em ventura:
 Portuguezes, character sustentado
 O Povo põe feliz, feliz o Estado.

S O N E T O.

Portugal, Portugal, eu lastimei-te!
Não pude mais fazer, que com verdade
Mostrar a tempo a tua enfermidade,
Sem rebuço, lisonjas, sem enfeite:

Eu dizia: O Ceo queira qu' aproveite,
Que o Medico de mais capacidade
Vendo a febre, e huma tal debilidade,
O mande confessar, e que receite:

Botarão-lhe humas bixas, não pegarão!
Nem mudou com a Junta de figura,
A comer caracões he que o deixarão;

Hia-se entisicando com a cura;
Os Medicos do Porto receitarão;
Eis o enfermo escapou da sepultura.

SONETOS

Portugal, Portugal, eu lastimei-te,
 Não pude mais fazer, que com verdade
 Mostrar a tempo a tua enfermidade,
 Sem rebuço, lisonjas, sem enleite,
 Eu dizia: O Céo queira, p' aproveite,
 Que o Medico de mais capacidade
 Vendo a febre, e huma tal debilidade,
 O mande confessar, e que receite;
 Botão-lhe humas dixas, não peirão!
 Não mudou com a Junta de humas,
 A comer caracões he que o deixarão;

Ha-se entisicando com a cura;
 Os Medicos do Porto receitão;
 Eis o enfermo escapou da sepultura.